

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO, AMBIENTE E
CONSUMIDOR - AMIGOS DA BEIRA

ACTAS DO II COLÓQUIO ARQUEOLÓGICO DE VISEU



VISEU

1997

FICHA TÉCNICA:

Título: Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu

Organização: Ivone Pedro, João L. Inês Vaz, Jorge Adolfo Meneses Marques

Edição: Associação de Defesa do Património, Ambiente e Consumidor "Amigos da Beira"

Apoios: Governo Civil do Distrito de Viseu
Instituto Português da Juventude

1.ª edição: Viseu, 1997

Tiragem: 500 ex.

Fotocomposição, Montagem, Gravuras e Impressão:

EDEN GRÁFICO, S.A. - Rua dos Casimiros, 21 — Telef. 425032 - 425048 — Fax 422617

Apartado 2047 — 3501 VISEU Codex

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DE VILA MEÃ (Viseu)

Maria de Fátima Matos da Silva (*)
Alexandre Lourenço Correia (**)

RESUMO

Na presente comunicação os autores fazem um estudo descritivo e analítico do lagar aberto na rocha, situado na Quinta de Vila Meã, freguesia de Povolide, do concelho de Viseu. Estudo esse que engloba ainda materiais relacionados com esse monumento, como sejam: um peso de vara, um fragmento de caleira e uma pia, encontrados nas proximidades, tal como outro espólio, de que se destacam capitéis e bases de coluna, um possível fuste e vários blocos graníticos de provável estrutura Romana, além dos vários fragmentos cerâmicos.

1. Vila Meã - Localização

O lugar de Vila Meã, tal como o do Enxudre, fazem parte da Quinta de Vila Meã, de consideráveis proporções, como se pode aferir pelo mapa (Fig. 1), e pertencem à freguesia de Povolide, no concelho e distrito de Viseu.

Situa-se em posição sobranceira ao rio Dão e ao seu afluente, a ribeira de Sátão, a uma altitude de cerca de 350 metros.

Localiza-se a cerca de 8 Km, a Este de Viseu e a cerca de 14 Km a NE de Mangualde. Ao Km 102,7 da Estrada Nacional n.º 16, que liga Viseu a Mangualde, a cerca de 300m da Ponte de Fagilde (que atravessa o rio Dão) desvia-se à esquerda, na E.N. n.º 229/2, que vai em direcção a Vilar de Ordem. A cerca de 500m do início do referido cruzamento (ao km 22,8) encontramos a escassos 50m, no lado direito, a localidade de Vila Meã.

Coordenadas Geográficas: (S.C.E., Carta n.º 189, 1945) - Lat: 40° 37' 20" N.; Long: 1° 17' 40" E. Lx.

É uma bela localidade, verdejante, de pomar e vinha, com algum pinheiro bravo e giesta. O povoamento é concentrado na aldeia de Vila Meã, sendo no entanto habitada por reduzida população.

O relevo é formado por promontórios suaves, situando-se a Quinta numa zona de depressão.

A geologia da região é variada. O concelho de Viseu, grosso modo, assenta no vasto maciço granítico das Beiras, embora apareçam também algumas manchas xistosas predominantemente na zona Norte do concelho. A Quinta assenta em zona granítica.

(*) Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense (Porto).

(**) Professor do Ensino Secundário (Ribeiro - Barrô, 4675 S. Martinho de Mouros).

Agradecimentos: à D. Ana Ferreira dos Santos por todo o seu empenho, amabilidade e facilidades concedidas e ao Eng. António J. Coelho de Araújo, bem como ao Dr. Carlos P. F. dos Santos C. de Araújo.

2. Vila Meã - Traços da sua história

A actual Quinta de Vila Meã (1) é povoação histórica de notáveis tradições. Foi principiada na "quintãa" real, doada por D. Sancho I, em Setembro de 1207, a Martinho Salvador e Sancha Pires, sua esposa, assim como a seus filhos e netos: "*cum omnibus que in ea ad jus nostrum pertinent, scilicet. cum voce et calupnia (2) et cum totis suis directuris [...] et cunctis successoribus pite heriditario in perpetuum*".

D. Sancho I faz a doação da herdade, em agradecimento a Martinho Salvador e sua esposa, por estes terem criado a infanta, mais tarde rainha, D. Teresa, sua filha, e por terem sido também amos do infante, herdeiro, D. Fernando filho de D. Afonso IX, rei de Leão e da rainha D. Teresa: "*et pro Infante, filio Regis Legionis, et Reginae Domnae Tharasiae, quam ab infantia nutrivistis*".

Esta carta de doação (3) dada a Vila Meã tem a particularidade de ser a primeira em que há alteração do estilo de tratamento dos filhos do Rei (D. Sancho I). Anteriormente, todos assinavam como "Rex", mas a partir desta, embora assinem com esse título o rei e o príncipe herdeiro, D. Afonso; como "Regina" a sua esposa, rainha D. Branca (*Regina Blanca*) e suas três filhas; os outros dois filhos, D. Pedro e D. Fernando, sendo pois filhos segundos e assim não herdeiros do trono, não se intitulam "Rex", mas "Infans". A partir desta carta de doação todos os outros documentos públicos deste monarca, como de outros, seguiram este tipo de tratamento intitulatorio.

Martinho Salvador, que não tivera filhos do seu primeiro casamento, após enviuvar casa com D. Maior. Esta vai herdar Vila Meã. Morto Martinho Salvador, D. Maior casa-se com Pedro Rodrigues. Posteriormente, sabe-se que Vila Meã foi dividida, talvez por estes últimos proprietários, em dois casais, passando um deles para a posse da Sé de Viseu e outro para a Ordem do Hospital.

A capela a Santo António que encima a pequena colina onde se encontra o lagar escavado na rocha, já existia em 1758, pertencendo a essa altura ao capitão-mor de Viseu. Este ou outro proprietário, anterior ou posterior, deveria pertencer à Ordem de Cristo, visto haver na parede da Capela, externamente, gravadas duas cruzeas emblemáticas dessa Ordem; o que não é de estranhar visto os Condes de Povolide serem dois deles (o 1.º e o 4.º) comendadores da mesma.

Na segunda metade do séc. XIII, talvez em consequência de sentença fruto das Inquirições de D. Afonso III, que não chegaram até nós, desapareceram muitas das honras da freguesia de Povolide, provavelmente pela sua ilegalidade. Nas Inquirições de D. Dinis a Vila Meã também não aparece, entre muitas outras (só constam duas).

O lugar de Vila Meã nem sempre pertenceu à freguesia de Povolide, fazendo parte até 1855 do concelho de Ranhados, altura em que este foi extinto.

Em 1884 foi adquirida pelo Dr. Pedro Ferreira dos Santos e sua esposa, D. Ana Emília Pereira Cardoso Ferreira dos Santos, ao Padre Francisco Lopes Peres e, desde essa altura, pertence à família Ferreira dos Santos.

A aldeia, hoje designada Quinta de Vila Meã, ainda conserva a beleza e rusticidade de outrora, com o seu casario aglomerado, de paredes em pedra mal lavrada, lembra... os tempos da sua fundação (séc. XIII), em torno do forno comunitário que ainda perdura. A casa senhorial destaca-se no conjunto, de paredes de alvenaria, tendo já sofrido alterações na traça original.

A capela de Santo António datada pelo menos do século XVIII, embora a tradição a remeta para o século XIII, era caiada de branco e azul. Hoje mostra a rusticidade da pedra (4). No seu interior destaca-se o pequeno altar revestido de azulejos hispano-árabes, encimado pelo santo padroeiro, do séc. XIX, mandado fazer quando a quinta foi adquirida pelo Dr. Pedro Ferreira dos Santos, para substituir um outro mais antigo e que hoje se conserva no Museu Machado de Castro (Coimbra). Revestindo as paredes, existiam telas do séc. XVII, de que ainda se conserva uma, e outras provavelmente do séc. XIV. No entanto, estas foram furtadas.

3. Lagares abertos na rocha

As lagaretas ou lagares abertos na rocha, que a tradição popular apelida de "lagares dos moiros" ou "camas das moiras", surgem sobretudo no Norte e Centro do país que, por serem zonas graníticas, facilitam a sua elaboração. São conhecidos vários nos concelhos de Amarante,

Viana do Castelo, Penafiel (Castro da Coura, Vila Caíz - Soeiro, 1984) e em Resende, entre outros. No concelho de Viseu, destacam-se os de Vila Chã de Sá (Inês, 1987), (Fig. II), mas estes de tipologia bastante diferente em relação ao de Vila Meã. Apesar da sua frequente ocorrência, nunca foram alvo de estudo (5) e daí existirem muitas dúvidas quanto à sua cronologia e mesmo quanto à sua função e técnica de utilização.

Face aos poucos dados de que dispomos, as hipóteses que alguns arqueólogos têm apresentado, baseiam-se em analogias com os já estudados lagares romanos, de que se destaca o trabalho do Prof. Jorge Alarcão: "Um lagar de azeite na Antiguidade" (Alarcão, 1979). Neste estudo, o autor sintetiza a técnica de obtenção do azeite. A primeira fase é a moagem, destinada a triturar o caroço e a polpa, apontando-se várias técnicas: a trituração através dos pés com socas de madeira (*canalis et solea*); a *trapetum* e a *mola olearia*, ambos pios circulares em pedra, em que a sua maior diferença reside no formato das mós, no caso duas. Na primeira, as mós são duas meias esferas e na segunda são cilíndricas. Por último, refere um outro tipo de moinho em que só existe uma mó, troncocónica, também em posição vertical como nas anteriores.

Posteriormente a polpa é metida em seiras e prensada. Também a prensagem foi feita de diversos modos na Antiguidade. Refere a prensa de tradição romana, que consistia no apertar da polpa por pranchas e toros de madeira alternadas, entre uma trave horizontal fixa a duas verticais e a prensa de tradição grega, que mais tarde resultou no lagar greco-latino. Este, designado *prelum*, é uma prensa de vara e peso (reconstituída no desenho anexo que tem por base o lagar estudado - Fig. V) ou fuso (6).

No nível intermédio do lagar por nós estudado, existiria o sistema de espremedura que funcionaria tal como nos lagares de tradição greco-romana através de uma vara que, fixa à parede que liga ao nível superior, era forçada contra uma pilha de seiras, entre as quais estava a polpa da azeitona. Esta trave acompanhava longitudinalmente todo o lagar, sendo lentamente baixada pelo peso de um bloco de granito de forma cilíndrica (semelhante ao peso agora encontrado) ou de um paralelepípedo. No presente caso, em que o peso é cilíndrico, o baixamento da vara realizava-se através de uma corda fixa a uma argola de ferro embutida no orifício central do peso. Esta corda passava por cima da vara e a sua extremidade, após esta ter descido, provavelmente seria presa na referida argola. Esta hipótese é a que talvez se aplique melhor a este lagar. Haveria contudo outras formas de fazer descer a vara. Por exemplo, através de um sarilho no qual a corda era enrolada (D'Oliveira, 1958). Este sarilho em madeira era fixo a um bloco granítico através de dois malhetes.

3.1. O Lagar aberto na rocha de Vila Meã

O lagar implanta-se num grande bloco granítico (granito de grão grosso), na vertente Sul da pequena elevação encimada pela capela de Santo António.

Tal como acontece em algumas das estruturas deste tipo, também este lagar é composto por três níveis sequenciais, tendo um comprimento máximo de quinze metros, orientado de NE-SO, e de largura máxima, no sentido NO-SE, de oito metros (Fig. V).

O primeiro nível da estrutura, com cerca de cinco metros de comprimento, não apresenta actualmente quaisquer vestígios, além do arranque de dois sulcos de escoamento (com uma largura média de 10 cm) do líquido que se abrem em direcção aos limites da estrutura intermédia. Isto leva a supôr que, neste primeiro nível, se depositava o fruto e aí se faria uma sumária espremedura, ou então estes sulcos serviriam unicamente para escoar o líquido resultante da deposição do produto a espremer posteriormente no nível seguinte, ou ainda, serviriam para drenagem de águas.

A estrutura intermédia constitui a bancada de espremedura (Foto 1). Esta está ligada por uma caleira, também em três níveis (caleira em escada), ao lagar propriamente dito (Foto 2).

Possui nas zonas laterais dois encaixes onde assentaria o possível travejamento de cobertura.

Esta zona tem de comprimento máximo 2,70m e de largura 3,20m. A área central deste nível, de configuração sub-circular, apresenta-se com um desgaste acentuado do granito, mostrando um evidente rebaixo, que tem de diâmetro médio 1,60m (Fig. III). Os encaixes, de configuração rectangular, possuem as seguintes dimensões:

N.º 1 - comprimento: 0,64m; largura: 0,28m e profundidade: 0,25m.

N.º 2 - comprimento: 0,59m; largura: 0,19m e profundidade: 0,24m.

O sulco de escoamento do líquido estende-se por um comprimento de 0,69m, com uma largura máxima de 0,20m, na extremidade que liga ao lagar, e mínima de 0,17m, variando a profundidade entre os 0,04m e os 0,13m.

A área de espremedura e o lagar adjacente, em nível inferior, estão separados por um desnível vertical de 1,40m.

O lastro do lagar resultou do nivelamento do afloramento granítico, sendo de formato quadrangular, tendo de lado 1,90m. As paredes laterais já não existem, restando apenas uns pequenos arranques resultantes do nivelamento da rocha. Este terceiro e último nível do lagar atinge a zona terminal do bloco granítico.

A parede vertical que dá um desnível de 2,60m entre o primeiro nível e o segundo (zona de espremedura) possui 1,44 da base, na zona central, um pequeno encaixe aberto na rocha onde apoiaria, caso existisse, uma trave de suporte da estrutura de cobertura de toda a unidade.

Resta-nos ainda referir o aparecimento de inúmeros fragmentos de cerâmica, uns à superfície, outros resultantes da limpeza da lagareta, de feição Romana e Medieval.

Pensamos que este lagar serviu para a obtenção de azeite e, a ser assim, teria, além da estrutura actualmente existente, mais três talhas ou pequenos reservatórios que comunicavam entre si por duas aberturas na parte superior dessas divisórias, como reconstituímos no desenho (Fig. V).

4. Os achados

Na parte SE da Quinta existe uma elevação alongada em cuja encosta se encontrou o material objecto deste estudo e outro de que não se sabe o paradeiro. É encosta de pouco declive e está virada ao rio Dão.

A D. Ana Maria Ferreira dos Santos referiu-nos que, em tempos, aí apareceram, além das quatro bases e capitéis de coluna e do fragmento de mó, que hoje restam, capitéis, moedas, cerca de seis mós, vários fragmentos de vasos de cerâmica, de cor avermelhada, entre outros, que com o decorrer dos tempos se lhe perdeu o paradeiro. Nos terrenos da Quinta apareceram ainda uma ou mais cabeceiras de sepulturas de feição medieval e um "florete" (?).

A população da região refere, tradicionalmente, a existência nesta elevação de um povoado Castrejo, povoado esse que, se existiu, não deixou vestígios visíveis. Existem sim restos de uma *Villa* ou outra estrutura Romana, que o espólio estudado confirma e que verificamos *in loco* pela existência à superfície de muitos fragmentos de cerâmica de construção, nomeadamente: tégula de vários perfis (Fig. VII), ímbrices e cerâmica doméstica variada - dolio, fragmento de prato de paredes cinzentas, fundos de vasos de cerâmica vermelha, entre outros.

A estrada Romana que ligava *Emerita Augusta* a *Egitania* e daí a Viseu, passando pela actual Idanha-a-Velha (Alarcão, 1988), atravessava o Rio Dão nas proximidades da Quinta, como se pode aferir pela análise do mapa (Fig. II) anexo (Seg. Inês Vaz - Vaz, 1987).

4.1. "Peso de Vara" do lagar

De grande importância para a compreensão do funcionamento deste tipo de lagar aberto na rocha, foi o facto de termos descoberto, a cerca de 50 metros do mesmo, para Oeste, na encosta Sul da pequena elevação, "o peso de vara" (Foto 3).

Actualmente serve de base a um bloco troncocónico encimado por uma pequena cruz de cimento. É um grande bloco granítico, de grão médio, sub-cilíndrico, que, por comparação com alguns exemplos conhecidos, faria parte do sistema de espremedura, como referimos anteriormente.

As suas dimensões conferem-lhe um peso de massa superior a 500 Kgs. Possui uma altura de 0,53m; de diâmetro 0,65m e um perímetro de 1,90m.

Na parte superior encontra-se um orifício central com o diâmetro de 0,20m. Pelo facto deste se encontrar parcialmente tapado pelo bloco troncocónico das Alminhas, foi-nos impossível

determinar a profundidade do referido orifício, local onde o peso se prenderia à vara, através de uma argola embutida numa chumaceira, por uma corda (Fig. V).

Nas paredes do peso existem vestígios de possíveis caracteres romanos.

4.2. Caleiras

Junto à capela existem caleiras em granito, de grão grosso, abertas em bloco solto, tendo uma delas (Foto n.º 4) um comprimento máximo de 0,70m e uma largura média de 22cm. A profundidade média não ultrapassa os 0,15cm. Apresenta um polimento significativo em toda a sua extensão, conferindo-lhe uma secção em U. Cerca de um terço da caleira foi aberta na perpendicular em relação à horizontalidade do restante. A parte inclinada alarga-se ligeiramente na zona terminal.

Todo o bloco granítico apresenta vestígios de fracturas, o que leva a pensar que este se encontraria inserido em alguma estrutura. Talvez estas caleiras pertencessem ao sistema de condutas do complexo de espremedura do lagar ou, com maior probabilidade, ao sistema de irrigação da propriedade rústica.

4.3. Pio

Também junto à capela encontra-se actualmente um pio em granito de grão grosso, com razoáveis dimensões (Foto 5). O seu estado de conservação é satisfatório, tendo só uma pequena fractura no bordo. Apresenta uma forma ovóide, tendo de diâmetro maior 0,80m e menor 0,70m. O fundo é plano. O bordo é regular, de secção semi-regular, com 10cm de espessura. As paredes são oblíquas, convergindo para a base, tendo 0,36m de altura. A superfície cavada está bastante polida e tem 0,22m de altura.

Esta peça podia fazer parte do lagar.

5. Bases e capitéis de coluna

As quatro bases e capitéis de coluna são feitas em granito de grão médio e todas elas de tipologia diferente, assim como as suas dimensões. O seu estado de conservação é bom, restando em todas o arranque do fuste, o que, por alguns exemplos (Soeiro, 1984) que conhecemos, nos leva a pensar serem pelo menos a N.º 3 e a N.º 4 capitéis, em que o N.º 3 é de tipo toscano provincial e o N.º 4 de tradição jónica (Fig. VI), podendo as outras também o ser, visto todas possuírem um arranque de fuste bastante alto.

A base N.º 1 é a que está em melhor estado de conservação e é também a mais perfeita tecnicamente, tal como o capitel N.º 4.

Todas elas possuem as tradicionais características: plinto quadrangular (o da N.º 3 está bastante fracturado), toro e escócia de forma circular. A N.º 2 tem a particularidade de não possuir escócia, diluindo-se a largura do toro directamente para o fuste. Esta base, é pois a mais rude e a menos perfeita. Na N.º 3 o toro é desproporcionado em relação ao diâmetro do arranque do fuste, sendo assim a escócia quase imperceptível.

O N.º 4 é um capitel bastante interessante que possui, além dos elementos característicos, componentes decorativas (actualmente só resta uma) em forma de "rolo atado" ao meio, com paralelos nos capitéis da piscina grande das termas romanas de S. Pedro do Sul. Pelas suas características, nomeadamente um pequeno ressalto decorativo no toro, que só existe na base N.º 1, pelo tipo de granito, pela forma como foi esculpida a pedra e também as suas dimensões, levamos a supôr que poderia ser o capitel da base da coluna N.º 1, ou de outra igual.

Dimensões das bases e capitéis:

N.º 1 - Plinto: largura - 42cm; altura - 7,5cm. Toro: diâmetro - 42cm; altura - 8cm. Escócia: diâmetro - 35cm; altura - 5cm. Fuste: diâmetro - 23cm; perímetro - 105cm e altura - 15cm.

N.º 2 - Plinto: largura - 30cm; altura - 9cm. Toro: diâmetro - 26cm; altura - 10cm. Fuste: diâmetro - 21cm; altura - 7cm e perímetro - 70cm.

N.º 3 - Plinto: largura - 38cm; altura - 7cm. Toro: diâmetro - 38cm; altura - 7cm. Escócia: diâmetro - 25cm; altura - 3cm, diâmetro - 23cm; altura - 9cm e perímetro - 76cm.

N.º 4 - Plinto: largura - 45cm; altura - 9cm. Toro: diâmetro - 42cm; altura - 8cm. Rolo: comprimento - 45cm; altura - 7 e 11cm. Fuste: altura - 4cm; diâmetro - 33cm e perímetro - 105cm.

6. Fuste

O cruzeiro, implantado na base da elevação no lado direito do acesso lateral à capela, provavelmente erigido na mesma altura desta, serviu-se talvez do fuste de uma coluna romana (Foto 6), visto o granito deste apresentar mais *patine* que os restantes elementos do cruzeiro.

Outra razão plausível é o facto do diâmetro (23cm) e o perímetro (76cm) desta ser igual ao da base da coluna N.º 3, tal como o tipo de granito (granito de grão médio). O fuste tem de altura 1,60 m.

7. Pedras de estrutura

Circundando também a Capela existem, visíveis, dez blocos graníticos (granito de grão fino) aparelhados, de construção e de perfeita esquadria (Foto 7), com a forma de paralelepípedos (46cm x 40cm) que deveriam pertencer, tal como o outro espólio romano estudado, a uma estrutura romana.

8. Mó movente

Fragmento de mó movente, em granito de grão médio, fracturado pelo orifício central. A parte superior, ligeiramente côncava, apresenta um certo polimento resultante do uso (Foto 8).

As suas dimensões são as seguintes: altura máxima - 0,13cm; diâmetro - 0,35cm e diâmetro do orifício - 0,8cm.

Este fragmento de mó encontra-se nas dependências da residência da D. Ana Ferreira dos Santos, em Viseu, que nos informou da existência de seis mós semelhantes, hoje desaparecidas, como referimos.

9. Cerâmica doméstica e de construção

Ao percorrermos o local onde outrora apareceu o espólio referido, encontramos, além de vasta cerâmica de construção, como fragmentos de alvenaria, tijolo, *tegulae* e ímbrices, variada cerâmica de uso doméstico que, por ser bastante comum e incaracterística, não nos permite apontar qualquer cronologia. No local existem ainda inúmeros blocos de granito, estando alguns afeiçoados, evidenciando terem servido para construção.

A *tegula*, como se pode aferir pelo quadro da Figura VII, apresenta uma grande variedade de perfis que classificamos em quatro tipos, desdobrando-se o 1.º e o 4.º em duas variantes. Possuem superfícies, no geral, deficientemente alisadas, na horizontal, com estrias. Apresentam cor alaranjada, de cozedura em atmosfera oxidante. A pasta é mais grosseira em umas do que outras, tendo como desengordurante a mica e o quartzo.

A cerâmica de uso doméstico é variada, feita à roda, e engloba desde fragmentos de dolio, de pastas grosseiras, a cerâmica de paredes finas e depuradas, com e sem vestígios de fumigação.

Os fragmentos mais interessantes são um bordo de possível frigideira, de grandes dimensões, de pasta pouco depurada, homogénea, compacta, com dedadas (Fig. VII - A), tal como a da Fig. VII - C, ambas de cor bege, com boa cozedura, que uma análise macroscópica revela a mica e o quartzo como desengordurantes. De cerâmica mais depurada, de paredes finas, temos o interessante fragmento de prato, de engobe preto, com pé (Fig. VII - B), e os fundos de duas pequenas taças ou púcaros assentes também em pé, de cerâmica fina, alaranjada e superfícies cuidadas, tal como o bordo (Fig. VII - F), com dois ressaltos decorativos, de cerâmica de cor bege, com as características de pasta e textura das anteriores.

10. Notas finais

Após uma análise aturada do material estudado, espólio esse de características evidentemente Romanas, como sejam as quatro bases e capitéis, o fuste, os fragmentos de cerâmica, o fragmento de mó movente, associado a todo o outro espólio que referimos e de que actualmente se desconhece o paradeiro, também esse de cariz Romano, e ainda o próprio topónimo que dá actualmente o nome à Quinta, a "Villa Mediana" Medieval, herdeira certamente da *Villa Romana* que assentaria as suas estruturas na base da pequena elevação fronteira ao lagar, onde apareceu este espólio, e que era servida pela estrada romana, que lhe passava perto, parece-nos não haver dúvidas quanto à existência neste local de uma *Villa Romana*.

Esta propriedade rústica teria vários edifícios com áreas cobertas, edifícios esses de bom acabamento a julgar pela perfeição do talhe das bases e capitéis, de diversa tipologia, tal como a tégula e ímbrices, o que justifica a afirmação da existência de vários edifícios, que combinariam o tijolo com o granito na sua construção.

A análise das tégulas e das bases e capitéis leva-nos a aventar a hipótese de uma cronologia que aponta para os séculos I e III d.C..

A actividade moageira e a produção cerealífera seriam abundantes, visto existirem várias mós, embora hoje só reste o fragmento de uma.

Esta abundante produção é facilmente explicável pela localização geográfica da *Villa*, em zona de fácil irrigação, tal como hoje, visto ser atravessada pelo Dão, pela ribeira de Satão e outros riachos de menor caudal. A encosta onde se situava a propriedade rústica romana é hoje a mesma onde se produz o famoso vinho do Dão, tendo a Quinta da Vila Meã uma marca registada: a Ferreira dos Santos. Talvez nessa altura também aí se produzisse vinho e se, eventualmente, o lagar for desta época, também haveria produção de azeite, actualmente frequente na região.

A irrigação, que não era difícil, está comprovada pelo aparecimento das caleiras referidas, que canalizavam a água através dos terrenos, quer fazendo o escoamento, quer o regadio da propriedade.

A olaria estava também bastante desenvolvida, a julgar pela quantidade e variedade de cerâmica encontrada.

Outra conclusão decorrente destas, mas que, contudo, nos deixa algumas dúvidas, será a de apontar uma cronologia também romana ou talvez pré-Romana (Castreja) para o lagar aberto na rocha.

A análise do tipo de estrutura do lagar leva-nos a deduzir, como já referimos, que esta serviria para a espremedura da azeitona e natural feitura do azeite. Quanto à técnica de espremedura usada, seria a de vara e peso.

Para finalizar apraz-nos referir a premência de uma intervenção arqueológica e de um estudo mais alargado e comparativo, que já temos em elaboração, para este tipo de vestígio arqueológico.

NOTAS

(1) É referenciada em bibliografia variada, designando-se na carta de doação: *Villa Mediana*. Veja-se Viterbo, 1984, 63, 64 e 331; Grande Encic. Portug. e Brasil. de Cultura, Vol. XXII, pp. 997-999 (Povolide) e Vol. XXXV, pp. 585 (Vila Meã).

(2) A calumpnia (*calupnia, calumnia ou colonha*) era um direito real, em que o real fisco tinha direito às penas ou multas de certos crimes mais graves (Viterbo, 1984, p. 64).

(3) Existe actualmente, na casa senhorial da Quinta de Vila Meã, uma cópia da carta de doação, desenhada por D. Ana Maria Ferreira dos Santos. O original encontra-se provavelmente no Arquivo Municipal de Viseu.

(4) Uma análise macroscópica ao tipo de granito de algumas das pedras da construção das paredes da capela, das bases de coluna romanas e do fuste empregue no cruzeiro levam a concluir que foram, em épocas distintas, extraídas da mesma pedreira.

(5) O presente trabalho tem a intenção de iniciar um estudo mais aprofundado, já em colaboração.

(6) Um outro sistema era a prensa de trave e parafuso, que não se adapta a este lagar, e que consiste na espremedura através de uma trave, em que numa das extremidades era vasada por um parafuso, também em madeira, preso na extremidade inferior a um bloco granítico que, ao girar, puxava a trave para baixo.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, 1988 - IDEM - *O domínio Romano em Portugal*. Lisboa, Pub. Europa América, Col. Forum da História, nº 1, 1988.

ALARCÃO, 1979 - ALARCÃO, Jorge - *Um lagar de azeite na antiguidade*. In Rev. de História, nº 5, Lisboa, Março de 1979, pp. 45-52.

D' OLIVEIRA, 1958 - D' OLIVEIRA, A. J. Sardinha - *O Lagar Romano de Palma*. Sep. do Boletim da Junta da Província do Alto Alentejo, Évora, 1958, pp. 5 - 13.

SOEIRO, 1984 - SOEIRO, Teresa - *Monte Mõzinho - Apontamentos para a ocupação entre Sousa e Tâmega em época Romana*. Boletim Municipal de Cultura. nº 1, 3ª série, Penafiel, 1984.

VAZ, 1987 - VAZ, João L. Inês - *Roteiro Arqueológico do Concelho de Viseu*, 1987.

VITERBO, 1984 - VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidário das palavras, termos e frases [...]*. 1ª ed., 1798 - 1799; 2ª ed. crit., 1984, Porto.

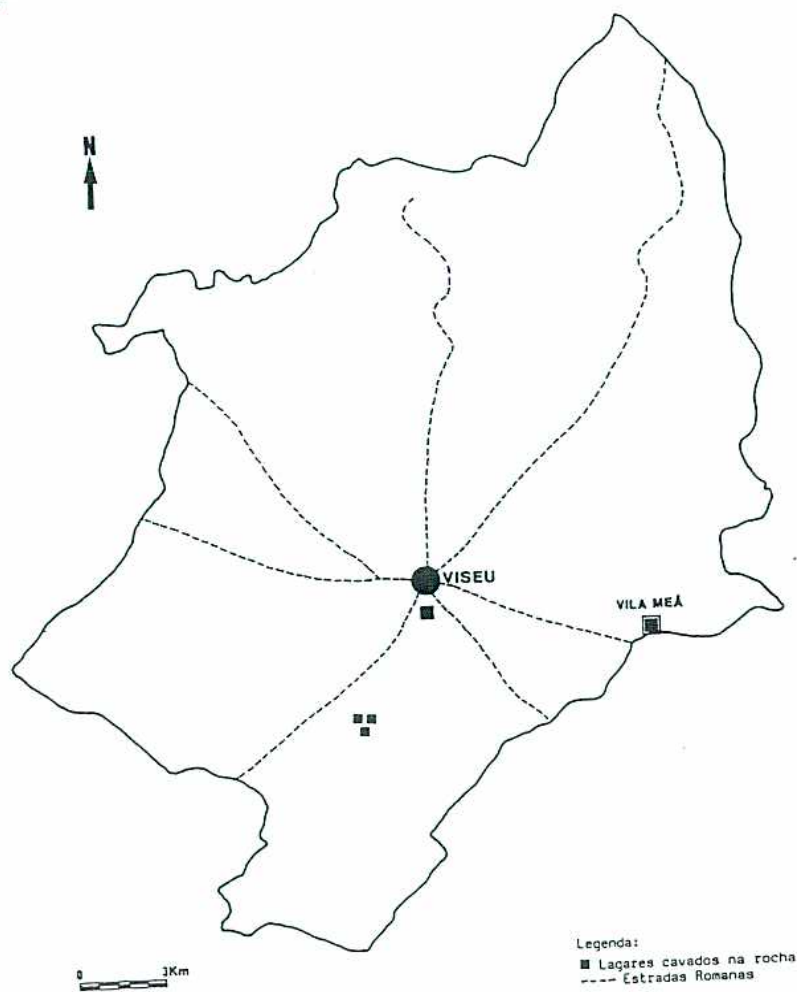
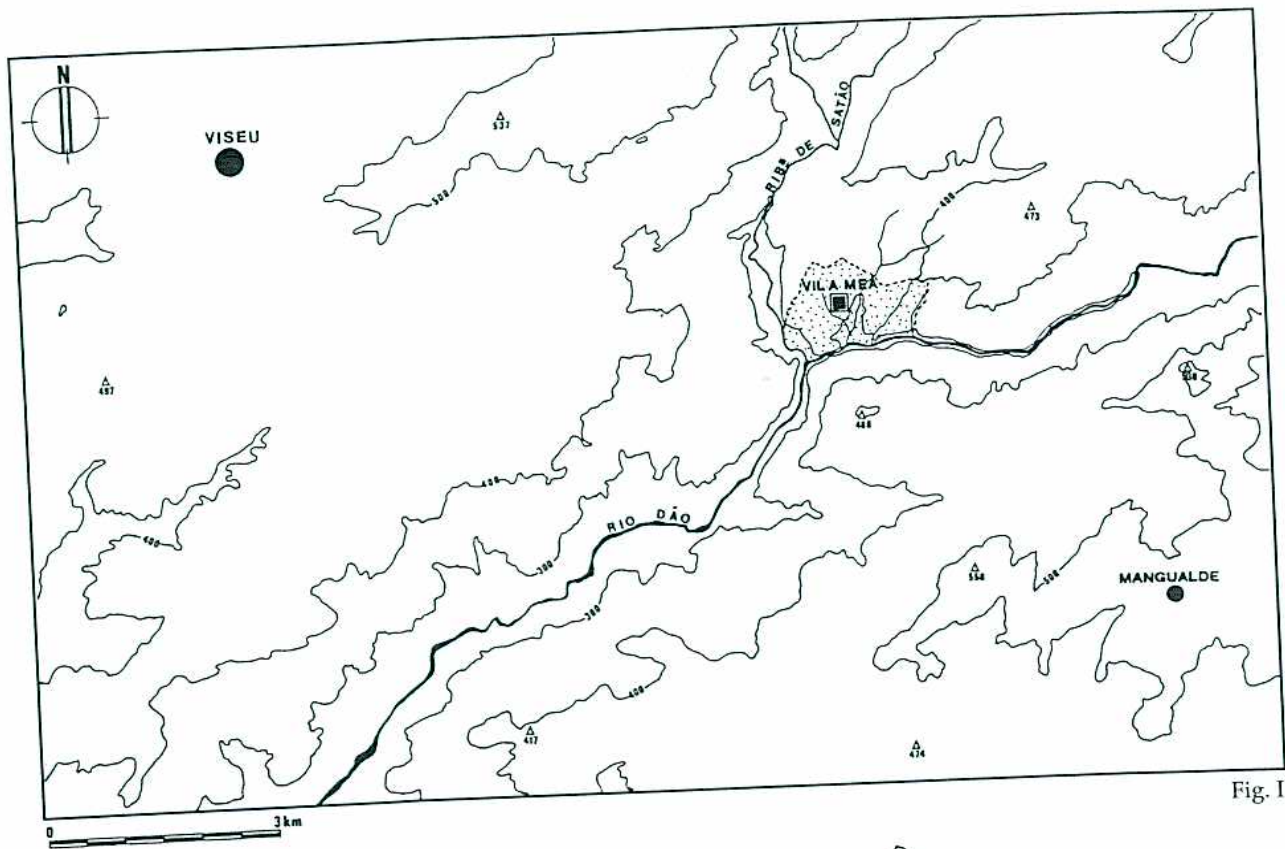


Fig. II - Concelho de Viseu: localização dos laçares abertos na rocha e das Vias Romanas.

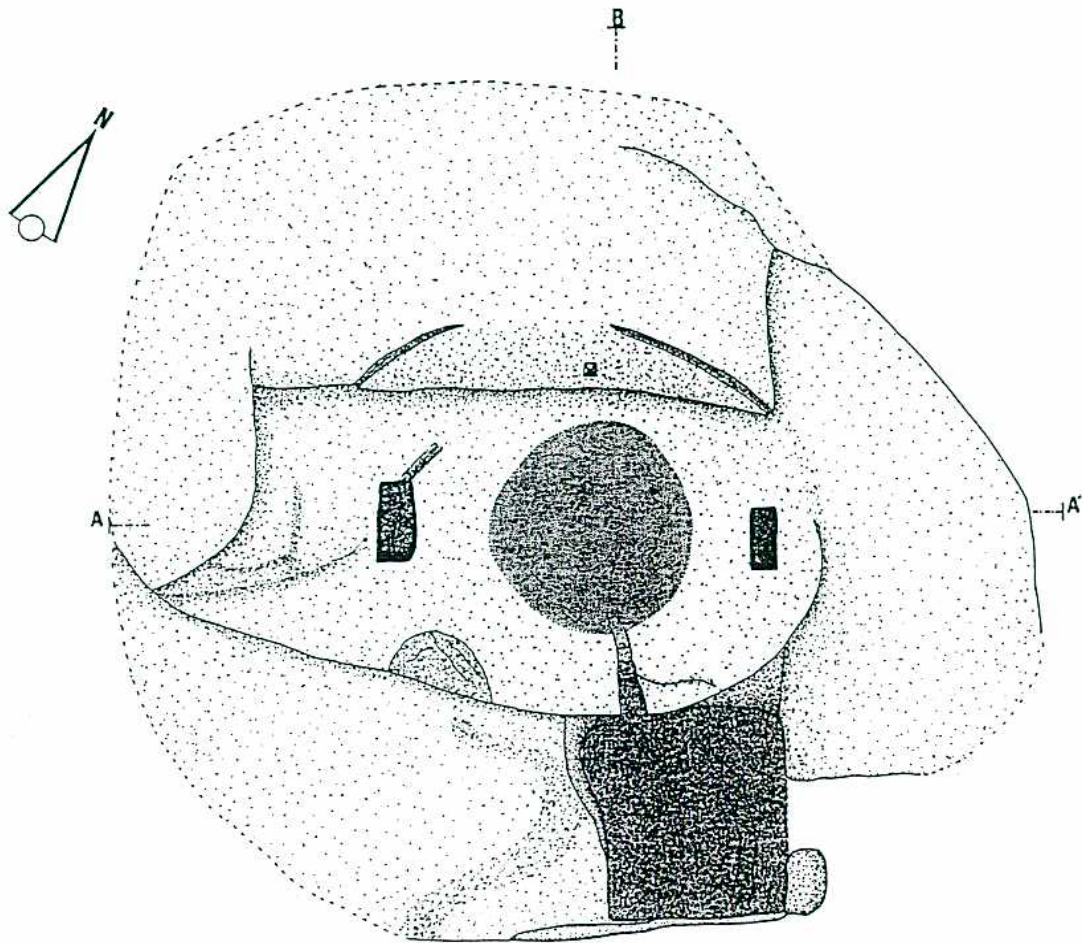


Fig. III - Planta do lagar aberto na rocha de Vila Meã.

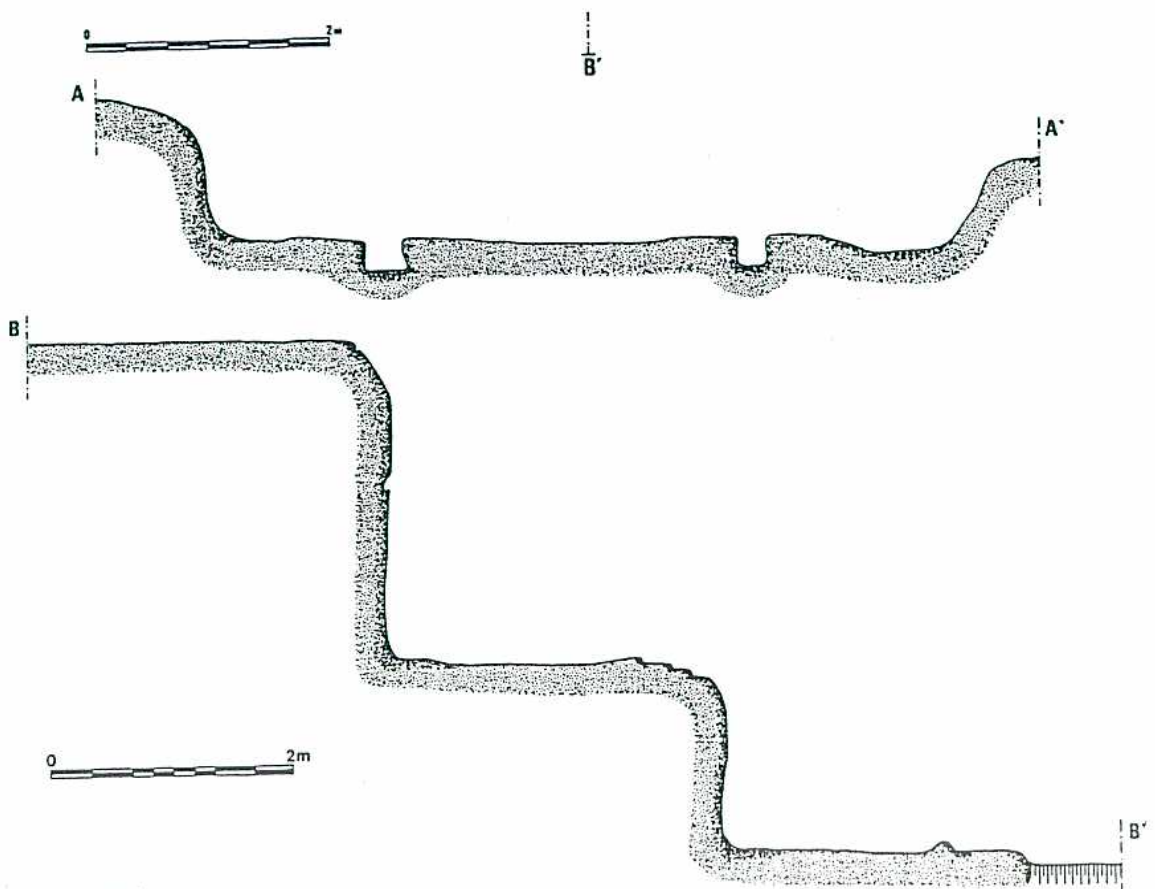


Fig. IV - Cortes do lagar.

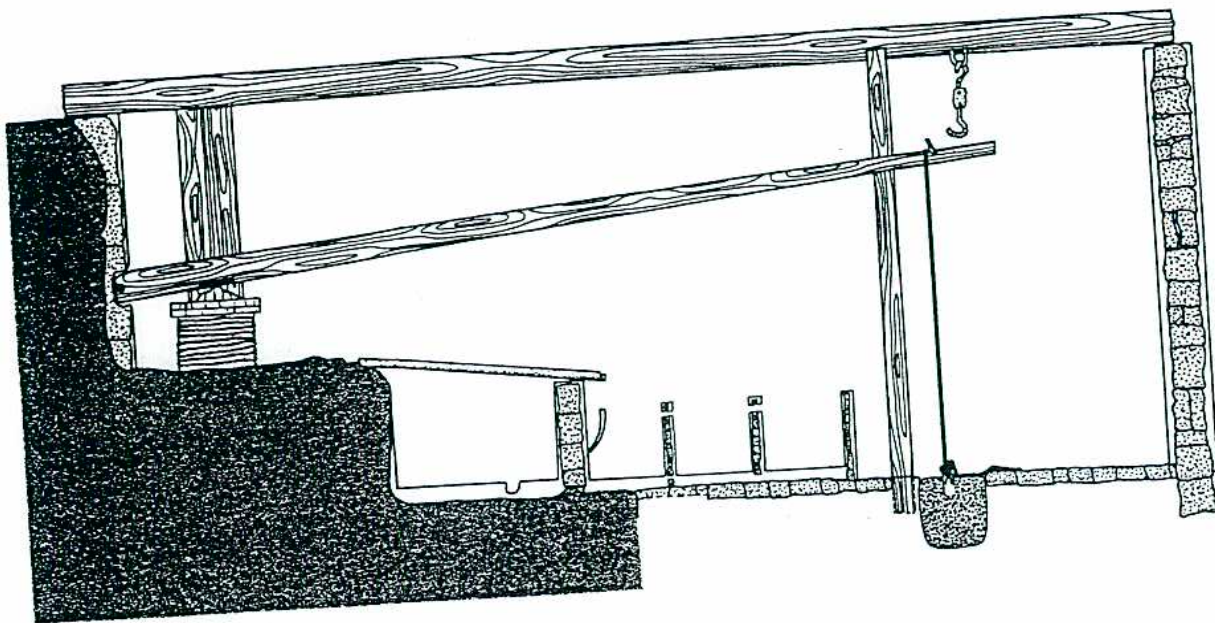


Fig. V - Reconstituição possível do lagar aberto na rocha.
Corte longitudinal.

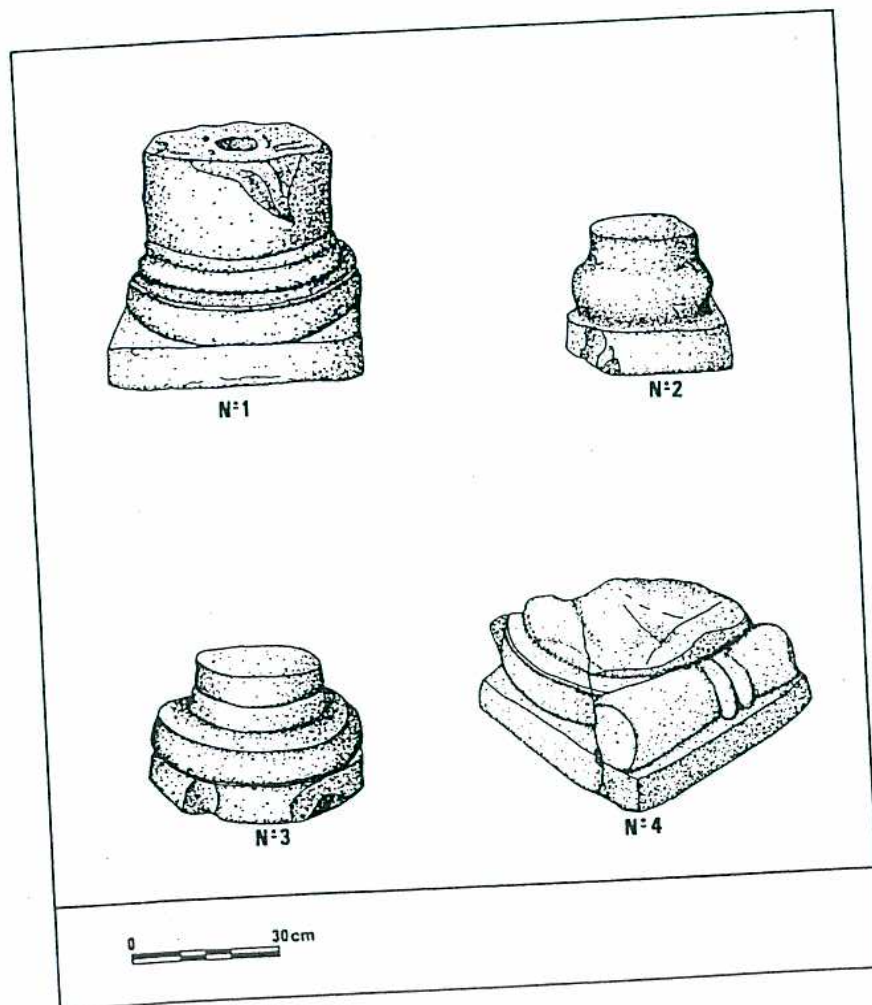
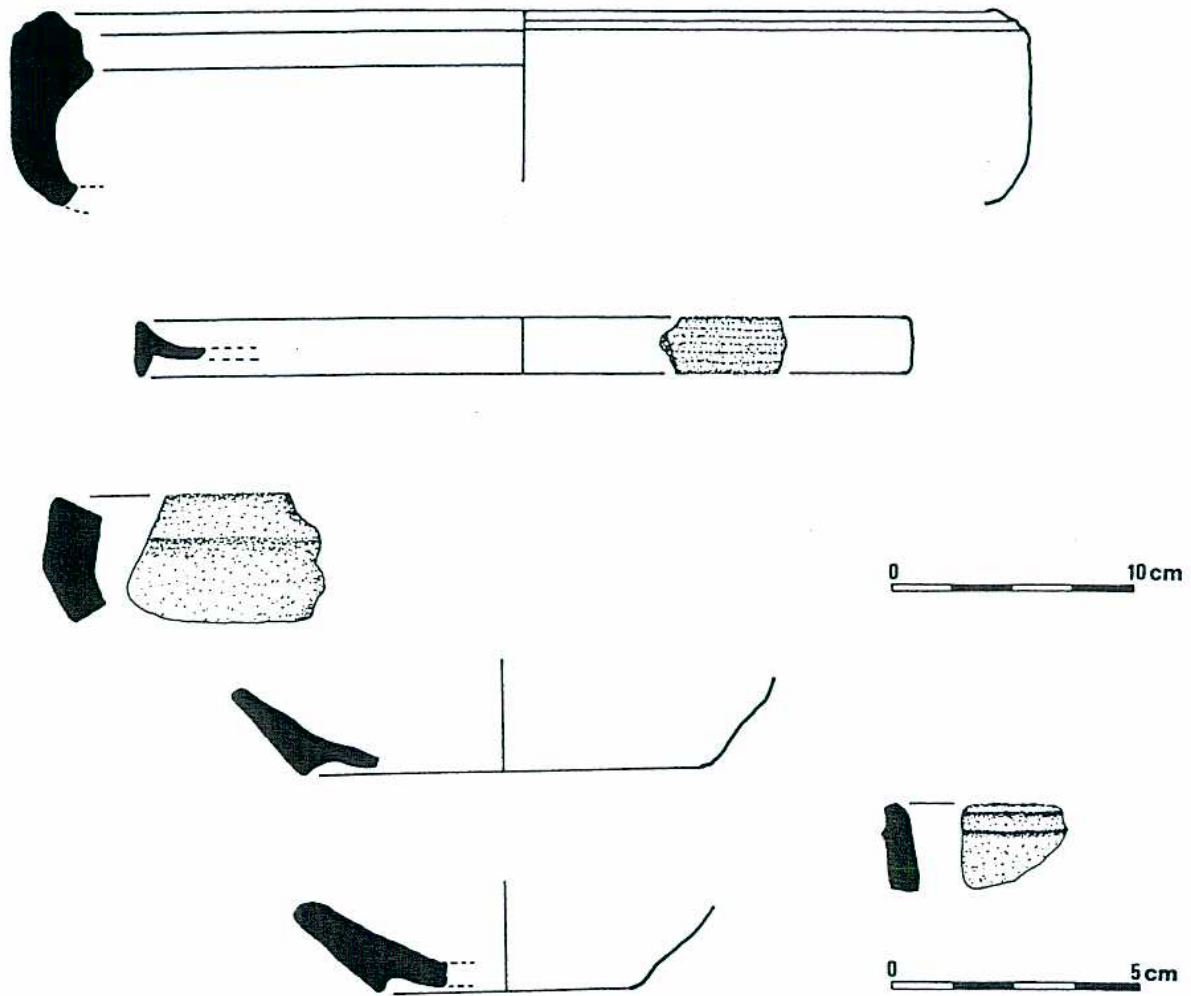


Fig. VI - Bases e capitéis Romanos.



Perfis de Tégulas			
1		1A	
2		3	
4		4A	

Fig. VII - Cerâmica doméstica e de construção romana de Vila Meã.

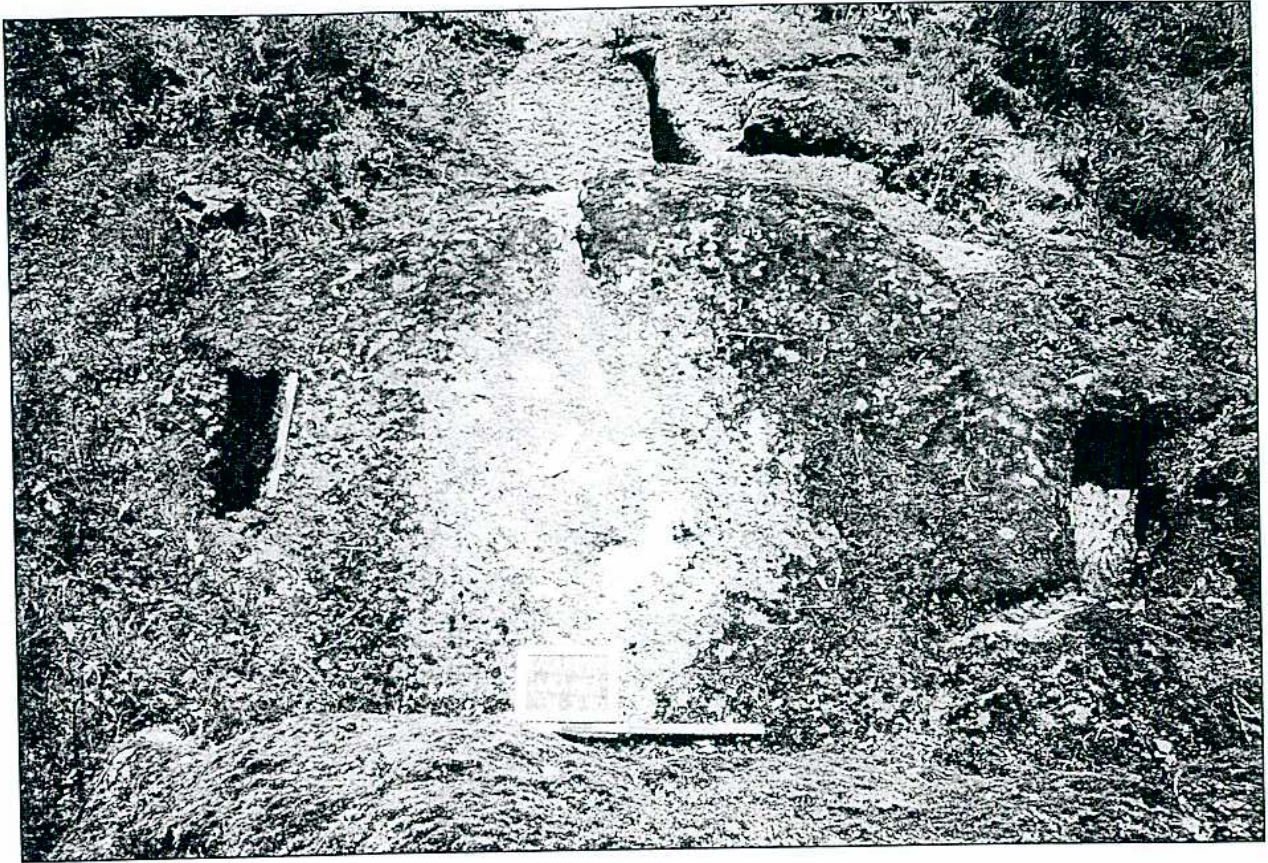


Foto 1 - Bancada de espremedura e encaixes, em segundo plano, o lagar.

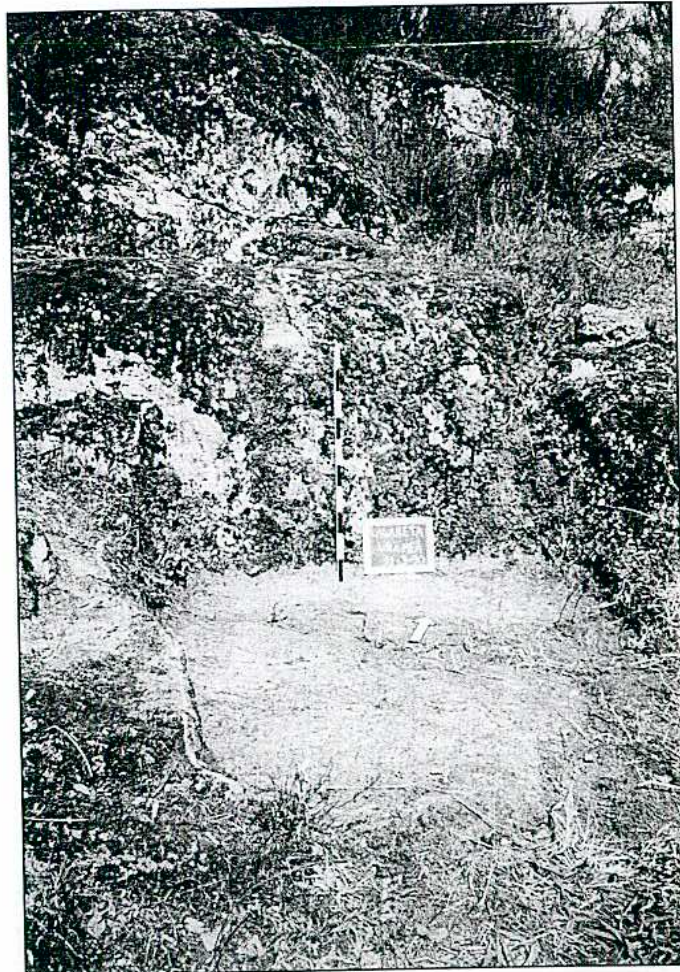


Foto 2 - Sulco de escoamento, na zona central, e lagar, em primeiro plano.

Foto 3 - Peso de vara de lagar.

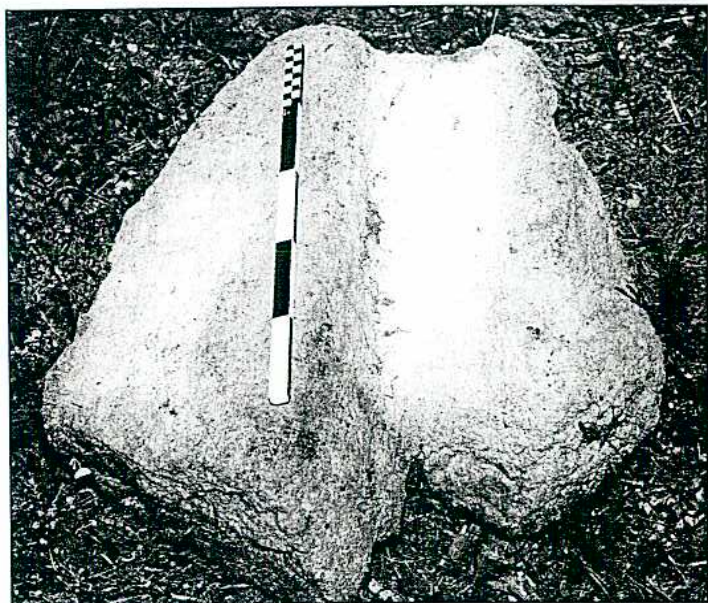


Foto 4 - Caleira possivelmente relacionada com o lagar.



Foto 5 - Pio em granito.

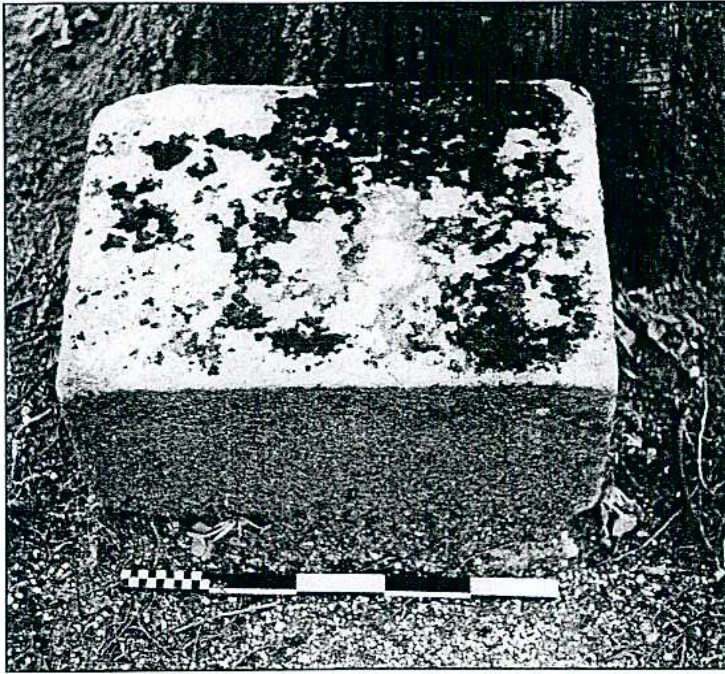


Foto 7 - Um dos blocos de granito de possível estrutura romana.

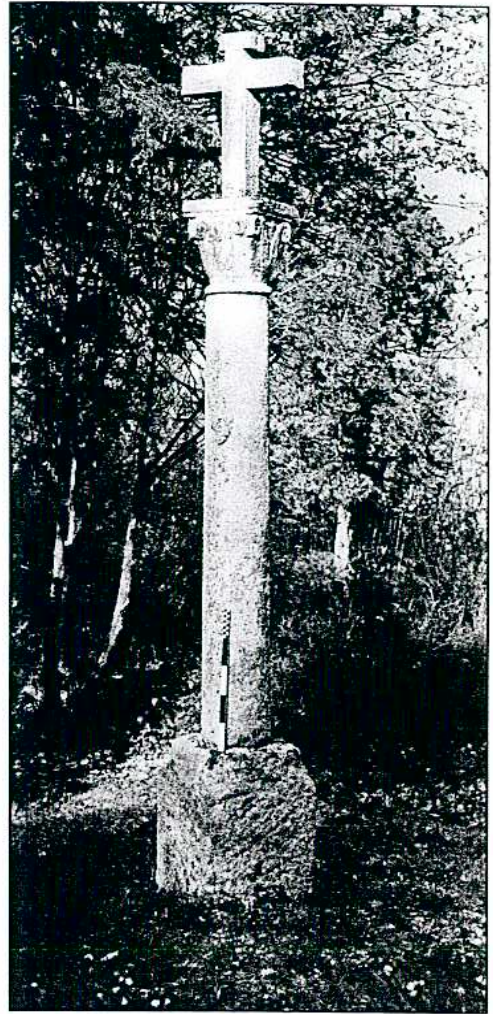


Foto 6 - Cruzeiro que integra coluna provavelmente romana.

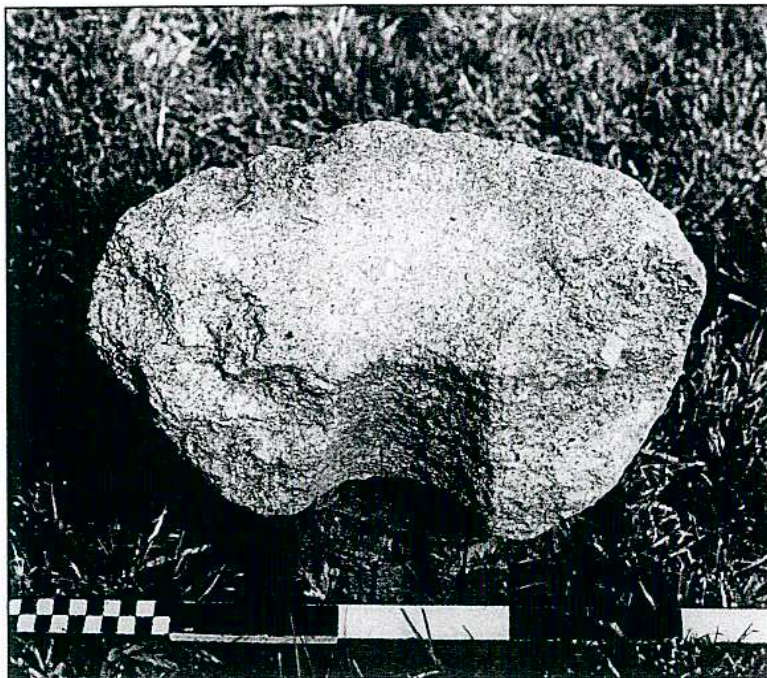


Foto 8 - Fragmento de mó movente.

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	3
ORCA I DO AMEAL: RESULTADOS PRELIMINARES DA CAMPANHA 1(989) <i>José Manuel Quintã Ventura</i>	5
AS XORCAS DE OURO DO CASTRO DA SENHORA DA GUIA, BAIÕES - ASPECTOS CRONOLÓGICOS, <i>Philine Kalb</i>	17
CASTRO DE SANTIAGO, FORNOS DE ALGODRES: UMA ABORDAGEM PRELIMINAR DA CAMPANHA 1(989), <i>António Carlos Valera e Isabel Estevinha</i>	27
A IV CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO CABEÇO DO CRASTO DE S. ROMÃO (SEIA): ALGUNS RESULTADOS PRELIMINARES, <i>Carlos Fabião e Amílcar Guerra</i>	37
UMA BASE DE DADOS PARA AS GRAVURAS RUPESTRES DA BEIRA ALTA, <i>M.ª da Conceição Monteiro Rodrigues</i>	53
SIGNIFICADO CULTUAL DAS PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES DOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS MEGALÍTICOS DA BEIRA-ALTA (PORTUGAL), <i>Maria Graciana Dias Marques</i>	67
LUSITANOS E VISEU, a propósito de duas obras recentes, <i>José d'Encarnação</i>	85
A ESTRUTURA DA FAMÍLIA INDÍGENA DAS INSCRIÇÕES ROMANAS DO DISTRITO DE VISEU, <i>Luís da Silva Fernandes</i>	91
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS VIAS ROMANAS DO DISTRITO DE VISEU, <i>Leonor Pereira Barata Fonte</i>	99
MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DE VILA MEÃ (VISEU), <i>Maria de Fátima Matos da Silva e Alexandre Lourenço Correia</i>	111
SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DO CONCELHO DE SEIA, <i>Flávio Marques Ribeiro e Maria Antónia Silva</i>	127
ACHEGAS PARA A ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL NO DISTRITO DE VISEU: ANTIGA FÁBRICA TÊXTIL EM PARADA DE GONTA, <i>José M. Amado Mendes</i>	143